



RELACIONAMENTOS AMOROSOS ABUSIVOS

EMOTIONALLY ABUSIVE RELATIONSHIP

Louíse Ketlyn Gilberti Rocha Gomes¹
Maria Madalena Silva de Assunção²

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo principal conhecer e analisar as narrativas de mulheres sobre suas experiências de namoro em relacionamentos abusivos. Assim, buscou-se compreender quais contingências mantinham as mulheres em um relacionamento amoroso abusivo e como as vítimas lidavam com os episódios de abuso. Verificaram-se também quais os possíveis desdobramentos de tal relação sob o ponto de vista da vítima. Por último, tentou-se entender a perspectiva futura delas após terem vivenciado um relacionamento dessa natureza. Para o alcance dos objetivos propostos, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema e foram realizadas entrevistas com cinco mulheres que já vivenciaram relacionamentos amorosos abusivos. O resultado, de maneira geral, refere-se à dependência emocional como principal fator mantenedor das mulheres nessas relações. **PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Namoro; Abuso; Dependência Emocional.

ABSTRACT: This research had as main objective to know the report of heterosexual women regarding the experiences in emotionally abusive relationships in the context of dating. So, we sought to understand what contingencies kept women in an emotionally abusive relationship and how the victims dealt with episodes of abuse. In addition to checking the possible consequences of such a relationship from the point of view of the victim and, finally, understanding about their future perspective after experiencing an emotionally abusive relationship. In order to achieve the proposed objectives, a bibliographic survey was made on the subject and interviews were conducted with five women who have already experienced emotionally abusive relationships. The result, in general, refers to emotional dependence as the main factor that keeps women in an abusive relationship.

KEYWORDS: Women; Dating; Abuse; Emotional Dependency.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é discutir sobre as possíveis decorrências psicológicas e comportamentais causadas por um relacionamento amoroso abusivo entre casais de namorados heterossexuais a partir da concepção de mulheres que já saíram desse tipo de relacionamento.

No Brasil, ainda há poucas pesquisas e bibliografia sobre a temática no âmbito da relação de namoro. O que se encontra, atualmente, são pesquisas voltadas para a violência contra a mulher, especialmente no âmbito doméstico, ou seja, referindo-se a relações conjugais. Dessa forma, percebe-se a necessidade de tratar dos abusos que ocorrem nas relações de namoro por ser um tema pouco discutido. Tudo indica que os abusos no âmbito conjugal se iniciam nas relações de namoro.

De acordo com o jornal *Folha de S.Paulo*, em sua edição digital, a cada quatro minu-

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. louisegilbertirg@hotmail.com

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), Professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. mariamadalenabhz@gmail.com

tos é registrado, no Brasil, um caso de agressão contra a mulher no âmbito doméstico (CUBAS; ZAREMBA; AMÂNCIO, 2019). Tratando-se especificamente da violência física, segundo a CNN Brasil, houve um aumento de 59,8% em 2019 para 64,1% em 2020 (COUTO, 2021). Sabe-se que essa violência é registrada por algumas das vítimas, e isso já nos permite verificar o quanto os índices são assustadores. No entanto, há outras formas de abuso e violência nos relacionamentos que perpassam a dimensão física, tais como a psicológica, sexual, patrimonial, dentre outras que, em sua maioria, não são registradas.

Assim, o objetivo central desta pesquisa foi verificar quais contingências mantinham as mulheres em um relacionamento amoroso abusivo e como elas lidavam com os episódios de abuso, além de analisar os possíveis desdobramentos de tal relação sob o ponto de vista da vítima. Por último, procurou-se entender a perspectiva futura delas após terem vivenciado um relacionamento amoroso abusivo.

Para o alcance dos objetivos indicados, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema e foram realizadas entrevistas com cinco mulheres que já vivenciaram relacionamentos amorosos abusivos. Não houve uma faixa etária definida, considerando que os relacionamentos abusivos não estão restritos a determinadas idades. A partir dos dados obtidos em tais entrevistas, foi realizada a análise de dados em diálogo com o referencial teórico atinente ao tema.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 Patriarcado, gênero e religião

Para nos referirmos aos relacionamentos amorosos abusivos, primeiramente, “[...] deve-se pensar o patriarcado, remeter a seu caráter histórico, pois este regeu e ainda rege a história das mulheres e gera exclusão social destas, já que se baseia numa superioridade masculina.” (DIAS; COTRIM, 2014, p. 281). Por sua vez, para referir-se ao patriarcalismo, faz-se necessário estabelecer ligação com as noções religiosas que o fortalecem. A religião ocupa espaço central em diversas culturas: “[...] a cultura religiosa permeia a sociedade, moldando pensamentos e comportamentos, até mesmo de quem não se identifica com nenhuma religião.” (OROZCO, 2009, p. 5). A mesma autora ainda afirma que:

As religiões congregam as pessoas, transmitem valores éticos, ajudam a criar laços de solidariedade e fortalecem a esperança necessária para que as pessoas superem adversidades. Por outro lado, muitas vezes as religiões podem ser responsáveis por

limitar liberdades, especialmente quando falamos em direitos sexuais, direitos reprodutivos e igualdade de gênero.

A maioria das religiões, especialmente as católicas e as advindas do protestantismo, coloca as mulheres na posição de subservientes, seguindo assim o modelo patriarcal. Segundo Tedeschi (2012), tal posição está ligada às imagens que a igreja criou sobre as mulheres, as quais estão muito relacionadas ao controle da sexualidade, objetivando a pureza e, assim, a obediência absoluta. Esse ideal não se restringiu apenas à igreja, mas entrou nos lares, encontrando espaço no âmbito doméstico “[...] em nome de uma ética católica muito patriarcal.” (TEDESCHI, 2012, p. 17).

A moralidade cristã e o discurso da Igreja obrigam e limitam a mulher a ser para e através dos outros, negando-lhe a possibilidade de ser ela mesma. Ela é, portanto, confinada nesse mundo privado com marcas muito profundas, caracterizadas pela emotividade, sentimentalização, considerando-se socialmente como subalterna, haja vista que a possibilidade da criação, da geração do conhecimento potencializada pelo mundo público está ausente (TEDESCHI, 2012, p. 87).

Ao voltarmos às épocas mais remotas, vemos que o tratamento que o homem dava à mulher estava muito relacionado à forma com que ele tratava seus escravos e, por vezes, os filhos. Todos deviam obediência ao homem/pai, pois este era tido como representante da lei maior. “Em seu sentido literal, patriarcalismo significa governo de pais.” (PAULA, 2018, p. 44).

Esta configuração social colocava o homem na posição de detentor do poder, conhecida também como dominação masculina (BOURDIEU, 1999). O que se vê em tal modelo social são mulheres sem voz e destinadas a uma vida de submissão, devendo seguir as normas de comportamento e conduta impostas sem poder questioná-las. “No sistema patriarcal, homens e mulheres se relacionam de maneiras desiguais; atribui-se à mulher uma identidade associada ao privado e à subordinação [...]” (DIAS; COTRIM, 2014, p. 282).

Havia diversas formas de punição para aquelas mulheres que não assumissem a posição designada pelo patriarcalismo. Muitas delas eram até mesmo impedidas de participar de determinados grupos sociais. Afinal, a mulher que não assumia este lugar era mal vista pelos demais e tantas vezes rotulada com nomes pejorativos, pois o seu comportamento era considerado como desviante. Vê-se então que “[...] a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social ‘homens’ exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência.” (SAFFIOTI, 2001, p. 115).

A assimetria nas relações de gênero é algo que acompanha a sociedade desde a sua constituição e surge como consequência naturalizada do modelo patriarcal. “O conceito de

gênero foi construído socialmente visando compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, baseadas nos papéis que cada um assume na sociedade e nas relações de poder entre eles.” (ELIAS; GAUER, 2014, p. 119). O gênero atua como um orientador nas formas de relação entre homem e mulher nas sociedades, propiciando separações de papéis e identificando o lugar de cada um na estrutura social, como faz o patriarcalismo ao restringir a mulher à esfera privada e, por extensão, doméstica, e o homem à vida pública e, assim, política.

Vê-se que o patriarcado persiste ao longo do tempo. O que modifica são as formas nas quais ele se dá. Na pós-modernidade, por exemplo, observa-se que o patriarcalismo continua tendo como eixo o controle sobre a mulher; no entanto, utiliza para este fim as ferramentas disponíveis a partir da evolução tecnológica, como as redes sociais. Estas têm servido de instrumento aos interesses patriarcais.

Percebe-se como o modelo social patriarcalista possui bastante influência nos dias atuais, o que faz com que muitas mulheres permaneçam em relacionamentos abusivos e violentos por submeterem-se a uma ordem tida por muitos como natural. Veem-se homens ainda sendo colocados e se colocando na posição de detentor do poder e, conseqüentemente, do saber no que se refere às decisões a serem tomadas. O resultado visto é o aumento de violência nas relações amorosas e a retirada de direitos e liberdades de mulheres que vivenciam tal relacionamento.

De acordo com o Atlas da Violência de 2019, “[...] houve um crescimento dos homicídios femininos no Brasil em 2017, com cerca de 13 assassinatos por dia. Ao todo, 4.936 mulheres foram mortas, o maior número registrado desde 2007.” (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2019, p. 35).

Face ao exposto, podemos afirmar que a sociedade patriarcal tem em seu cerne a desigualdade de gênero e que a cultura fortalece tais ideais que, historicamente, têm subjugado a mulher. Uma das áreas em que esta desigualdade pode ser mais evidenciada refere-se aos relacionamentos amorosos, os quais são cenários para as diversas violências e abusos contra as mulheres. Logo, é possível observar como o modelo patriarcal está presente e ocupa, por vezes, espaço central nas relações amorosas.

2.2 A violência nos relacionamentos amorosos abusivos

Quando se busca a definição de relacionamento amoroso abusivo, encontra-se, de modo geral, a descrição de violência nos relacionamentos íntimos. Isto se deve ao fato de que

todo relacionamento abusivo é caracterizado como uma forma de violência. “Quando falamos das relações abusivas não podemos negar que elas comportam violências principalmente de natureza física, sexual e psicológica.” (BARRETO, 2018, p. 143).

Relacionamentos abusivos podem ser caracterizados por relações que haja vínculos íntimos afetivos entre a vítima e o agressor permeados por atos de violência psicológica, física e sexual, tendo como intenção manter controle sobre a vítima. Havendo laços marcados por repreensão a vítima, distrações do controle, persuasão, zelo abundante, hostilidade, indiferença, assim a relação abusiva tem como objetivo subordinar a vítima através de recursos emocionais (LEÃO, 2017 *apud* OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018, p. 799).

O relacionamento amoroso é abusivo quando, por diversas maneiras, tenta-se exercer controle e posse sobre o outro sujeito da relação. A existência desse tipo de relacionamento se faz presente sob diversas configurações nas mais variadas sociedades. Os abusos aparecem de várias formas, como “[...] intimidações, humilhação, desqualificação, fazer a pessoa sentir-se mal consigo mesma, empurrar, esbofetear, estrangular, ameaçar usar armas brancas ou armas de fogo, forçar relações sexuais [...]” (ALBERTIM; MARTINS, 2018, p. 3).

Segundo a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2005), há alguns pontos de atenção para a compreensão da existência de um relacionamento abusivo. Pode-se citar, primeiramente, o comportamento controlador do parceiro que se esconde atrás de um discurso protetor; no entanto, o abusador começa a controlar as decisões da vítima, seus atos e os demais relacionamentos interpessoais.

Outro ponto para se atentar, de acordo com o mesmo órgão (BRASIL, 2005), é a intensidade que o relacionamento vai tomando em tão pouco tempo. Na sequência, têm-se as expectativas do parceiro quanto à outra pessoa da relação, pois ele “espera que ela preencha todas as suas necessidades, exigindo que a mulher seja perfeita como mãe, esposa, amante e amiga.” (BRASIL, 2005, p. 39). Ele impede a vítima de viver a própria vida e fazer suas escolhas, acabando por isolá-la.

Pode-se observar, também, que o parceiro violento vai demonstrar uma hipersensibilidade, sendo sensível a todas as palavras e atos da companheira, sentindo-se ofendido e ferido facilmente. Na sequência, tem-se o abuso verbal, que pode ser um antecessor de violências de maior magnitude (BRASIL, 2005). Dessa forma, pode-se compreender que, em um relacionamento abusivo, o parceiro extrapola os limites do respeito, chegando a invadir o âmbito moral do outro. Assim, a maneira de olhar a outra pessoa da relação é como se esta fosse uma propriedade.

O termo violência está diretamente ligado à palavra violentar que, por sua vez, traz a ideia da retirada de forma impositiva ou apoderamento do direito de outra pessoa (FERREIRA, 2010). De acordo com Almeida (2008), a violência está presente nos mais diversos âmbitos da vida e ressalta que as mulheres são as mais atingidas por ela. As formas de violências não estão ligadas à idade, etnia ou a condições financeiras e persistem de geração em geração.

Apesar de a violência ser um conceito amplo, cabe mencionar alguns de seus tipos existentes. De acordo com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2011), tem-se a violência sexual, que acontece quando o parceiro sujeita o outro a um contato sexual que não esteja vinculado à vontade pessoal da vítima. “Tal tipo de violência abrange um espectro bastante amplo, que varia desde o assédio sexual à exploração sexual, passando pelo estupro ou mesmo por uma relação sexual não desejada pelas mulheres [...]” (MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011, p. 400). Esse tipo de violência “[...] é a que as mulheres têm mais dificuldade de denunciar, pelo preconceito e pela vergonha de expor sua intimidade.” (MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011, p. 400).

Há também a violência física, que diz respeito a atos que afetam ou colocam em risco a saúde corporal. Esta pode ser classificada em dois grupos, sendo a agressão leve aquela que abrange “[...] espancamento à vítima, lesões ou ferimentos que não causam imobilização ou perda significativa em sua saúde física, o que também acarreta danos psicológicos expressivos [...]” (OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018, p. 800). E a agressão grave, que, de acordo com o artigo 129 da Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940, compreende a incapacidade para as ocupações habituais, risco de morte, debilidade definitiva de algum membro, sentido ou função e, em caso de gestantes, aceleração do parto (BRASIL, [1940]).

A violência psicológica está relacionada a comportamentos que possam causar prejuízo emocional à vítima, afetando, especialmente, sua autoestima e sendo um limitador para o próprio desenvolvimento. Assim, “[...] é um tipo de violência dissimulada, que pode ser praticada durante vários anos sem que seja notada.” (SILVA; SANCHES, 2014, p. 119). É caracterizada por

[...] ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição costuma, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2011, p. 22).

Por sua vez, a violência patrimonial implica no controle de bens do outro. Assim, a vítima não pode utilizá-los da forma que deseja ou até mesmo pode ser impedida de usufruí-los (BRASIL, 2011). O abusador tenta controlar todos os bens materiais e financeiros da vítima, querendo saber o que ela faz com esses recursos e a forma como os utiliza.

Tem-se, também, a violência moral, “[...] entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.” (BRASIL, 2011, p. 23). De acordo com Moreira, Boris e Venâncio (2011, p. 400), observamos a dimensão sociocultural que esse tipo de violência alcança, “[...] sendo permeada por músicas, anedotas e piadas e alguns ditados populares relacionados ao comportamento feminino, que assumem, assim, caráter pejorativo.”

Tratando-se especialmente da violência ocorrida durante o namoro, nela não há a presença da parceira diariamente. Dessa forma, o companheiro pode começar a criar estratégias de controle que independam da presença física, já que esta nem sempre será possível. O ciúme entra como uma das principais estratégias nesse sentido. Inicialmente, faz-se com que o outro da relação acredite que tal sentimento é sinônimo de cuidado, preocupação e afeto. Assim, deixa oculta a face do controle. Tem-se, então, a violência psicológica com todas as formas de manipulações e uso de ameaças, como, por exemplo, terminar a relação. As redes sociais podem ser consideradas como ferramentas principais para o controle e também um meio para possíveis ameaças.

Outro tipo de violência comumente presente na relação de namoro é a do tipo sexual. O companheiro pode acreditar que por já terem um relacionamento formal, o sexo deve acontecer em tal relação, enxergando aí a obrigação de sua companheira lhe propiciar a satisfação, ainda que não haja o consentimento por parte dela. Assim, há a invasão do corpo do outro para satisfazer as próprias necessidades.

No que se refere à violência física no namoro, por vezes ela pode se pautar por empurrões, beliscões e tapas. Pode acontecer que tal violência se torne invisibilizada mediante a idealização do amor romântico, o qual tudo suporta e carrega a ideia de que são necessários sacrifícios em nome do amor. O sentimento existente pode fazer com que a pessoa não se sinta violentada.

Existe um ciclo do abuso, o qual comumente é composto por algumas fases. De acordo com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2005), a primeira fase é definida como a construção da tensão no relacionamento. Refere-se ao momento em que o “amor” é sucumbido por desentendimentos e situações estressoras. Esta fase caracteriza o momento de discussão e conflito, quando os comportamentos violentos podem tornar-se mais visíveis.

Como forma de amenizar tal situação, podem ser feitas juras de mudança de comportamento e um aparente arrependimento pelo acontecido por parte do parceiro. Porém, até neste momento, a culpa recai sobre a vítima, tendo como justificativa o fato de que se ela não tivesse tido determinado comportamento, as formas de abuso e violência não aconteceriam. Nesta fase, pode-se notar que a mulher é colocada na posição de causadora das situações de agressão do companheiro. Este faz com que ela acredite que é sempre a errada, que deve mudar para agradá-lo e, assim, evitar outras situações de tensão entre o casal.

Em seguida, tem-se a fase da explosão da violência. Em tal fase, observam-se agressões mais graves e a “[...] relação se torna inadministrável e tudo se transforma em descontrole e destruição.” (BRASIL, 2005, p. 24). A fase da explosão da violência, apesar de apresentar-se como mais aguda, também é a fase mais curta (BRASIL, 2005). Nesse aspecto, a violência que está mais presente é a física.

A terceira fase é definida como lua de mel (BRASIL, 2005). Nesta, o agressor apresenta-se como arrependido, declarando dependência da parceira, fazendo diversas promessas e realizando atos que busquem minimizar o acontecido, como “[...] comprar presentes para a parceira e demonstrar efusivamente sua culpa e sua paixão. Jura que jamais voltará a agir de forma violenta. Ele será novamente o homem por quem um dia ela se apaixonou.” (BRASIL, 2005, p. 25).

As fases do ciclo do relacionamento amoroso abusivo são dinâmicas e “[...] se repetem diversas vezes até a tomada de consciência.” (BARRETO, 2018, p. 150). Quando observamos atentamente as fases presentes nos relacionamentos abusivos, vemos que elas vão prendendo cada vez mais a vítima na situação de abuso. Para auxiliar as vítimas é preciso, minimamente, conhecer este ciclo, pois o entendimento sobre em qual momento a vítima está pode ser crucial para a elaboração de estratégias de intervenção.

Os questionamentos sobre os motivos pelos quais a mulher não rompe com o relacionamento abusivo são frequentes. Para responder esta pergunta, diversos fatores devem ser considerados. O rompimento de um relacionamento abusivo não é simples, especialmente, quando pensamos nas violências que este tipo de relacionamento abarca.

Um dos principais pontos a serem considerados se refere aos riscos a que a vítima está submetida ao tentar sair de um relacionamento amoroso abusivo (BRASIL, 2005). O parceiro utiliza de diversas ameaças contra a mulher, tanto no que se refere a ela mesma, quanto à família ou conhecidos da vítima.

De acordo com documento preparado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2005), também há a vergonha e o medo. Além disso, após a denúncia, o par-

ceiro pode se tornar mais violento do que anteriormente e existe a esperança de que o comportamento do agressor mude. O abusador pode fazer diversos pedidos de ajuda à vítima e até mesmo dizer que vai iniciar algum tipo de tratamento.

Em um relacionamento amoroso abusivo, a mulher torna-se vítima do isolamento social, e, muitas vezes, a percepção dessa situação é demorada. Conforme Barreto (2018), um dos fatores essenciais para o rompimento de uma relação abusiva é conseguir estabelecer uma rede de apoio. No entanto, a mulher no contexto de uma relação abusiva perde o contato com seus amigos e familiares, tornando-se, assim, mais difícil a saída desta relação.

Outro fator refere-se à dificuldade que a mulher tem para relatar ao seu grupo de convívio sobre a experiência de viver uma relação abusiva. Dessa forma, acaba se calando a fim de não se expor. Observa-se, por vezes, a negação da vítima quanto à situação vivenciada. Além disso, conforme aponta a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2005), há também a negação social que se refere ao despreparo e à falta de informação das pessoas externas ao relacionamento abusivo sobre a situação que as vítimas enfrentam. Assim, as pessoas e os órgãos que poderiam auxiliar acabam por criar mais dificuldades e diminuir cada vez mais a pessoa que vivencia o abuso.

Outro ponto a ser mencionado diz da dependência econômica que a vítima pode ter do companheiro, levando em conta que o isolamento abarca todo âmbito social e diversas áreas da vida da vítima. Assim, pode acontecer de a mulher nunca ter tido nenhuma atividade profissional, pois o parceiro sempre se colocou na forma daquele que supre todas as suas necessidades. A dependência econômica não é comum nas relações de namoro, sendo presente, especialmente, nas relações conjugais.

São muitas as barreiras para a saída de um relacionamento amoroso abusivo e poucos os recursos disponíveis para auxiliar a vítima no rompimento dessa relação. “O sentimento de culpa e de vergonha, o isolamento e, principalmente, o estigma parecem ser os grandes obstáculos à denúncia da violência perpetrada por parceiros íntimos contra as mulheres [...]” (MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011, p. 401). Não julgar a pessoa que se encontra nesse tipo de relacionamento já é um grande passo. É fundamental considerar que de fato não sabemos integralmente como é o dia a dia da vítima e a quais violências ela é submetida.

São diversas as possíveis consequências dos relacionamentos amorosos abusivos. Podemos iniciar mencionando o isolamento social, conforme abordado anteriormente, como sendo uma das barreiras para a saída desse tipo de relação. O isolamento social está ligado ao sentimento de posse que o abusador tem sobre o abusado, quando restringe suas relações interpessoais e limita cada vez mais o contato com outras pessoas. Ele exerce, de acordo com

Barreto (2018), um controle sobre a mente e o corpo da outra pessoa da relação, assim como a posse sobre espaços, limites e fronteiras íntimas.

No que tange às consequências da violência sexual, “O dano que elas causam pode durar uma vida inteira e abrange gerações, com efeitos adversos sérios na saúde, na educação e no trabalho.” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2012, p. 1). Pode-se mencionar também que

Os desfechos imediatos e a longo prazo na saúde que foram associados a esses tipos de violência incluem traumatismos físicos, gravidez indesejada, aborto, complicações ginecológicas, infecções sexualmente transmissíveis (incluindo HIV/Aids), transtorno de estresse pós-traumático, entre outros. Há também uma série de complicações relacionadas com a gravidez, como aborto espontâneo, trabalho de parto prematuro e baixo peso ao nascer associados com a violência durante a gravidez. Além disso, comportamentos de alto risco, como tabagismo, uso nocivo de álcool e drogas e sexo não seguro são significativamente mais frequentes entre as vítimas de violência sexual e aquela praticada pelo parceiro íntimo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2012, p. 3).

Um fator crucial e que pode acompanhar a vítima por tempo indeterminado refere-se aos danos psicológicos. A vítima pode desenvolver quadros de ansiedade, depressão, transtorno de pânico, “[...] bem como ocasionar um aumento nas estatísticas de feminicídio.” (SARDINHA, 2020, p. 1). Há também o medo de entrar em um novo relacionamento, de confiar novamente em um parceiro amoroso. Todos esses fatores “[...] originam um considerável agravamento na qualidade de vida das vítimas.” (PAIVA; FIGUEIREDO, 2003, p. 178).

A culpa também surge como uma das possíveis consequências, pois “[...] há um processo de inversão de culpa. É comum que as mulheres agredidas expressem que, se o companheiro é violento, é porque elas não souberam lidar com as situações cotidianas.” (MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011, p. 401). Assim, a mulher pode sentir-se responsável por todos os ocorridos na relação abusiva.

Se a agressão física da qual a mulher for vítima estiver dentre as graves, tal mulher pode ter consequências durante toda a vida, possuindo limitações para exercer algumas atividades, até mesmo laborais. Pode, a depender da situação, necessitar de cuidados constantes de terceiros.

Todas as formas de abuso apresentam como consequência geral a restrição da espontaneidade da vítima atrelada a uma invasão ou perda da própria identidade. Há um controle, por parte do abusador, na forma de ser e agir da vítima, sendo que a mesma deveria ter como prioridade agradá-lo e sempre atender às suas expectativas. Para isto, são utilizadas diversas formas de coação, ameaças e exigências. “Todas elas refletem diretamente na saúde física e

mental das mulheres, acarretando em diversas consequências que variam de intensidade, por vezes são irreparáveis, visto que muitas permanecem durante anos nessa condição de violência.” (NASCIMENTO; SOUZA, 2018, p. 2).

3 METODOLOGIA

Considerando o objeto de estudo definido nesta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, tendo sido realizada uma revisão bibliográfica e uma pesquisa empírica. Na pesquisa bibliográfica, foi utilizado o sistema de busca do Google Acadêmico com expressões e palavras-chave como violência contra a mulher, relacionamentos abusivos, machismo, sociedade patriarcal, tipos de violência. Grande parte dos referenciais teóricos escolhidos encontra-se no *site* Scielo e Pepsic. Os artigos e *sites* usados tiveram como filtro a língua portuguesa (Brasil).

A abordagem qualitativa norteou a coleta da pesquisa de campo, que teve como intuito ouvir as histórias das vítimas. Entende-se que, neste caso, a utilização da abordagem qualitativa é importante para “[...] compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 168).

Em vista disso, a entrevista foi o instrumento mais adequado para alcance dos objetivos propostos, por se tratar de uma ferramenta que permite ao entrevistado ter mais liberdade para se colocar e posicionar-se quanto às questões levantadas. Por sua natureza interativa, a entrevista “[...] permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade.” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 168).

O tipo de entrevista escolhido foi o modelo semiestruturado, pois este nos permite fazer alguns direcionamentos como forma de analisar as similaridades e as diferenças deste processo para cada uma das vítimas, assim como possibilita momentos mais livres para que cada entrevistada possa relatar o que julgar necessário e/ou importante.

A pesquisa foi realizada com mulheres, visto que elas, frequentemente, são vítimas desse tipo de relacionamento. Foram entrevistadas cinco mulheres sem, contudo, definir uma faixa etária, considerando que os relacionamentos abusivos não estão restritos a determinadas idades. Todas as entrevistadas encontram-se na faixa etária entre 22 a 29 anos, o que pode ser um futuro sinalizador para compreender os relacionamentos abusivos. O número de mulheres entrevistadas propiciou o contato com as informações necessárias e suficientes para o estudo

em questão. Em função da pandemia de Covid-19, as entrevistas ocorreram através de videochamadas, sendo utilizada a ferramenta Meet do Google e o WhatsApp.

Como forma de acessar essas pessoas, foram enviadas mensagens via WhatsApp para grupos da faculdade para verificar se conheciam alguma mulher que havia passado por essa situação e tivesse interesse em ser entrevistada. Com o intuito de obter maior fidedignidade dos relatos, foi feita a gravação e posterior transcrição para, assim, chegar à análise de conteúdo e ao levantamento da análise de dados. Foi encaminhado às entrevistadas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo todas as informações sobre a pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Sobre as entrevistadas

Foram realizadas cinco entrevistas com mulheres que vivenciaram relacionamentos amorosos abusivos, sendo elas: Taís, com 24 anos, estudante de curso superior; Lorena, com 22 anos, estudante de curso superior; Flávia, com 22 anos, estudante de curso superior e assistente de telemarketing; Érika, com 26 anos, curso superior completo e pedagoga; Nayara, com 29 anos, curso superior completo e analista de recursos humanos. Para preservação de suas identidades, foram utilizados nomes fictícios para representá-las.

4.2 Como lidavam com os episódios de abuso

Geralmente, o início das relações abusivas é marcado por ações de romantismo e demonstração de afeto, fazendo com que a vítima idealize o companheiro e crie fantasias a respeito daquela relação. O abusador age como aquele que vai suprir todas as necessidades de sua companheira.

Nos relacionamentos abusivos, os episódios de abuso não são pontuais, ocorrendo, na maioria das vezes, de forma frequente. É comum, entre a maioria das vítimas, demarcar o momento em que os episódios de abuso começaram a acontecer, sendo alguns abusos acontecem desde o início da relação. Porém, devido ao seu caráter inicialmente mais sutil, as primeiras violências acabam sendo imperceptíveis para a vítima. Essas violências iniciais podem ser consideradas como as violências simbólicas, de acordo com Bourdieu (1999). “Lidar com a violência simbólica nas relações afetivo-sexuais constitui um grande desafio. Como tratar

com algo que não é tido como violência? Em outras palavras, como lidar com algo que não é visível?” (GOMES, 2011, p. 151).

[...] no início, eu ficava muito, assim, sem perceber mesmo. Pra mim era algum problema de relacionamento mesmo. Era uma coisa, assim, que talvez a gente tivesse em uma má fase, uma coisa que iria passar, que era coisa da minha cabeça, que eu estava ficando doida, eu que estava depressiva, estava enxergando coisa onde não tinha. (Érika)

Cada vítima tem sua forma de lidar com tais episódios, a depender de fatores como sua história de vida e contexto em que se está inserida. Não se pode dizer sobre a melhor forma de lidar com tais episódios, pois deve-se considerar o perfil de cada agressor e o que é possível para a vítima naquele momento. Sobre as formas de lidar com os abusos, observamos formas diversas de comportamento por parte das vítimas. Taís agia no sentido de tentar acalmar o abusador e se explicar, assim como Nayara, que menciona que no início sempre tentava argumentar: “[...] Mas era muito cansativo, muito, muito cansativo. Era muito sofrimento, era muita lágrima. [...]”. Flávia também conta que chorava muito: “[...] Já teve situações em que eu gritava. [...] Mas as coisas que ele falava e fazia sempre me deixou sem ação.” Lorena aponta seu comportamento face aos abusos como episódios de humilhação: “Então eu me humilhava nesse sentido, sabe?! De correr atrás, de chorar, de pedir perdão, de pedir desculpas por uma coisa que eu não tinha feito.”

De uma forma ou de outra, o abusador sempre atribui à vítima a responsabilidade por seus atos abusivos. Há um jogo emocional constante no qual o processo de culpabilização sempre se faz presente. “Dentro do jogo emocional, o abusador também é capaz de inferiorizar o abusado. Nessa situação o sujeito ao tentar sair da relação geralmente sustenta a baixa estima e sente-se sozinho [...]” (BARRETO, 2018, p. 151).

Segundo Moura e Henriques (2014), a violência contra a mulher se dá especialmente devido à naturalização de comportamentos machistas, que, por consequência, colocam a mulher em uma posição de objeto e não de sujeito, “[...] além de constituírem argumentos comuns utilizados para culpabilizar a mulher vítima de violência [...]” (p. 32).

Um ponto importante a ser mencionado é que, durante a relação, as vítimas não conseguiam observar os atos como abusivos. Flávia menciona que “[...] hoje eu vejo que ele foi abusivo, mas eu também vejo situações em que eu fui abusiva, sabe?!” Nesta colocação, ainda podemos observar o fenômeno da culpa presente em Flávia, pois ela entende que também teve comportamentos abusivos. Podemos pensar que tais ações poderiam ser respostas aos abusos sofridos. Moura e Henriques (2014, p. 37) falam sobre a violência de resistência: “A violência

de resistência se constitui em ações de resposta dos grupos oprimidos à violência estrutural, e se coloca como objeto de controvérsia entre os estudiosos por se tratar de uma resposta violenta a uma condição de violência.”

Outro sentimento presente em alguns relatos refere-se ao medo e ao receio de romper com aquela relação. Pois, em muitos casos, os abusadores reagem fazendo ameaças, ainda que indiretas, à vítima: “Quando acontecia alguma coisa em que eu me colocava, sabe?! Que queria terminar ou que não queria mais aquilo para mim, ele chorava muito, assim... falava que ia se matar e tal.” (Flávia). Podemos ver que tal comportamento do ex-abusador de Flávia pode ser considerado uma maneira de pressionar e coagir a vítima para que ela faça o que o parceiro deseja.

Dentre tudo o que foi relatado, vê-se que as vítimas tinham maneiras semelhantes de lidar com as situações de abuso, sentindo-se muito mal, por vezes chorando. Um fator comum observado foram os momentos de culpabilização, de se sentirem responsáveis por vivenciarem os abusos por repetidas vezes e da dificuldade de romperem a relação.

4.3 Contingências mantenedoras do relacionamento abusivo

Apesar de todos os episódios de abuso vivenciados pelas vítimas, sair de uma relação abusiva é algo desafiador. “Os motivos para a permanência nessa relação são inúmeros.” (MIZUNO; FRAID; CASSAB, 2010, p. 18). Fatores como dependência emocional, idealização do amor, o desamparo social e as diversas dificuldades de enfrentar a vida só são aspectos a serem considerados para que as vítimas se mantenham nas relações abusivas (MIZUNO; FRAID; CASSAB, 2010).

Algumas das entrevistadas disseram ter dificuldade para compreender porque se mantiveram em tal relação. Outras conseguem identificar o que as manteve no namoro abusivo, de acordo com a menção de Flávia: “[...] eu acho que eu criei uma dependência emocional [...]” A fala de Érika se dá no mesmo sentido: “[...] Dependência afetiva, é... e de não conseguir perceber que eu estava realmente em um relacionamento abusivo. [...]”. Taís também afirma que se manteve na relação pelo mesmo motivo: “Porque assim, cara, eu não era casada com ele, não tenho filho com ele, eu não dependia financeiramente dele. Então, assim, o que estava me prendendo ali?! Eu tinha uma dependência emocional bem grande dele.”

Lorena já traz um aspecto relacionado à baixa autoestima e à busca por aceitação como um dos pontos que a fez permanecer na relação. Falchetto e Olivetto (2017) apontam que essa busca por aceitação do parceiro produz uma perda de identidade, pois as vítimas acabam

por deixar suas próprias vontades para satisfazer e agradecer o parceiro.

[...] eu tinha um senso de merecimento muito baixo e também tem questões passadas que eu penso que influenciou muito. [...] eu sempre me diminuía, me contentava com aquilo que estava pouco. [...] Eu queria, tipo assim, mostrar para mim mesma que dele eu teria alguma coisa. Uma busca por aceitação, era uma aceitação que eu não tinha de mim mesma e eu buscava nele uma coisa que deveria ter vindo de mim. (Lorena)

Além de Flávia, a entrevistada Nayara menciona sobre ter alimentado uma fantasia com relação aos ex-parceiros:

Como ele entrou na minha vida em um momento que eu estava muito aberta a estar num relacionamento amoroso e romântico e ele realmente alimentou todas as minhas fantasias românticas de uma pessoa que se declara, compõe para você, faz serenata, te presenteia, faz surpresas... Então eu estava tão satisfeita e eu me senti assim. Então por tudo... por ter ele. Que eu queria sempre ficar voltando nesse êxtase ainda. Entendeu?!

Assim, ela cita sobre a busca constante por esses momentos iniciais da relação. “Em muitos casos de relacionamentos abusivos, uma parte do casal fica presa aos momentos bons e tenta ignorar os momentos ruins, na esperança de que vai valer a pena ou de que o parceiro irá mudar.” (FALCHETTO; OLIVETTO, 2017, p. 31).

Um aspecto interessante que apareceu no relato de Taís foi o medo de terminar a relação e o parceiro fazer algo contra si mesmo. Ela fala que: “Eu não conseguia deixar ele e pensar que ele podia fazer alguma coisa. Porque ele é... também falava que ia se matar e não sei o quê... Então eu ficava muito preocupada com isso. [...] eu tinha medo de acontecer alguma coisa com ele mesmo [...]”. Flávia também ouviu frases semelhantes de seu ex-abusador. Este aspecto pode ser também muito comum e são formas de o abusador ameaçar indiretamente a parceira e aprisioná-la naquela relação. Assim, ele transfere de maneira discreta a responsabilidade sobre seus próprios atos para a parceira.

Ainda que houvesse algo que as impulsionasse a romper a relação, este também era um momento extremamente delicado, pois o término de uma relação abusiva pode ter muitos percalços. Taís informa que tentou romper a relação por diversas vezes: “Inúmeras. Inúmeras, inúmeras. Só que eu nunca conseguia. Eu consegui uma vez, voltei. E depois eu fui conseguir definitivamente. Mas inúmeras, de tipo, ‘não, hoje eu vou falar, eu vou terminar’ e eu não conseguia.” Lorena, assim como Taís, menciona que foram feitas muitas tentativas para romper a relação e fala da dificuldade enfrentada, principalmente no que tange à dependência emocional. Observamos que “Muitas meninas até conseguem cortar o vínculo, mas ficam com

sequelas graves na saúde psicológica, podendo desenvolver depressão, crise do pânico e transtorno de ansiedade.” (FALCHETTO; OLIVETTO, 2017, p. 51).

São diversos fatores que podem manter as vítimas na relação abusiva. Analisando-se especificamente o relato das entrevistadas, observa-se a dependência emocional como um fator preponderante no discurso delas. Observam-se também alguns sintomas físicos e psicológicos na vida das vítimas. A dependência emocional pode ser considerada como uma patologia que “[...] se assemelha à dependência de substâncias, tanto em relação à sintomatologia quanto aos processos neurais envolvidos.” (BUTION; WECHSLER, 2016, p. 89).

4.4 Desdobramentos do relacionamento abusivo para a vida da vítima

Os relacionamentos abusivos podem provocar diversos desdobramentos na vida das vítimas, que vão desde a dificuldade de se relacionar com uma outra pessoa e estabelecer uma relação de confiança até sintomas físicos e psicológicos.

Érika menciona o medo de se relacionar com outra pessoa e disse que entrava em um estado de alerta: “Eu reparava tudo, tudo. Até hoje. Assim... muitas coisas. Eu fico atenta às frases que a pessoa fala, ao comportamento que ela tem comigo, sabe?! Só que já passou um pouco desse ponto de observação e já virou meio que uma ação.” Nayara fez afirmações no mesmo sentido daquele apontado por Érika, informando que passou a se atentar aos mínimos detalhes: “Eu fiquei extremamente vacinada (risos). Então eu fiquei... com a menor expectativa de me dominar, de alguma forma eu já me colocava.”

A mesma entrevistada menciona também a insegurança que ela tem para se relacionar novamente depois de ter passado por um relacionamento abusivo: “[...] eu me tornei uma pessoa muito insegura, sabe?! Uma insegurança muito grande de me entregar e de me dedicar àquela pessoa e de deixar ser amada e amar alguém.”

No relato de Nayara há uma particularidade, pois ela pensava que caso se relacionasse com outra pessoa, seria mais fácil para esquecer o ex-abusador: “Eu não demorei muito não, mas foi muito vazio. Foi uma tentativa de não focar mais nele, entendeu?! E eu sabia... eu falava assim ‘quando eu beijar uma outra pessoa, eu vou estar enterrando mesmo ele’, né?!”

Essa fala de Nayara também aponta para uma fantasia que ela criou sobre esquecer o ex-namorado ao beijar outra pessoa. A superação de um namoro abusivo não acontece de forma imediata. Não há como se reconstruir tão rapidamente após uma relação tão danosa. Há a ilusão de que, ao estar com uma outra pessoa, todas as vivências traumatizantes de uma relação anterior serão esquecidas, e o fato é que não é desta forma que ocorre.

Para além dos sintomas subjetivos e psicológicos, a maioria delas apresentou em algum momento sintomas físicos. Dessa forma, pode-se observar o processo de somatização. “Eu tive sintomas físicos. Eu tive dificuldade até para respirar. Não dormia bem, chorava muito de noite. Sempre que eu lembrava eu chorava demais... chorava demais.” (Nayara).

Sobre os sintomas que teve, Nayara explica: “[...] a gente termina, mas a gente não elimina tudo que a gente tem sobre aquela relação. Então, me afundou na última depressão. Não tenho certeza se foi o fato de eu ter me anulado tanto que, quando ele foi embora, não me sobrou nada.” A perda de identidade é marcante nas colocações de Nayara.

Flávia menciona que começou “[...] a desenvolver uma crise de ansiedade. [...] sem vontade de comer, tendo vontade de vomitar o tempo inteiro, minha cabeça a mil.” Érika informa que “[...] tive ansiedade, compulsão alimentar e depressão. Tudo ao mesmo tempo, e um relacionamento abusivo.” Tais sintomas surgiram durante a relação e, após o término, ela informa que também passou por um adoecimento: “Fiquei realmente doente. Tipo, no primeiro mês eu fiquei realmente doente, minha imunidade caiu. Eu fiquei [...] muito ruim, mas ruim mesmo. Senti uma dor no peito mesmo, física, sabe?!” Em outro momento, Lorena afirma que “[...] eu não tava até mais me alimentando.” Vê-se que “As consequências físicas e emocionais do convívio com a violência são variadas e encontram contornos únicos, dependendo de cada indivíduo.” (OLIVEIRA *et al.*, 2011, p. 138).

Nota-se, tanto no relato de Lorena quanto no de Érika, a presença da ansiedade. Tal sentimento pode estar relacionado à sensação constante de tensão que a relação abusiva gera. São diversos os desdobramentos desse tipo de relação. “Problemas psicológicos graves são desencadeados em vítimas de relacionamentos abusivos. Depressão, síndrome do pânico, crises de ansiedade, transtornos alimentares, tentativas de suicídio” (FALCHETTO; OLIVETTO, 2017, p. 142).

As mulheres que passam por esse tipo de relação têm o seu emocional bastante abalado, sofrem continuamente constantes crises de medo do parceiro (receio de uma nova explosão de agressões por qualquer motivo), procuram se isolar em seus relacionamentos interpessoais com amigos e familiares, além de desenvolverem o sentimento de culpa, que se torna permanentemente presente no seu cotidiano – pois há um forte julgamento, um discurso acusatório que culpabiliza as mulheres pelas agressões sofridas. Todas essas sequelas de um relacionamento abusivo interferem no corpo da mulher e no modo como ela se posiciona diante de seu relacionamento (ALBERTIM; MARTINS, 2018, p. 3).

Há também o fator de isolamento social, além dos sintomas psicológicos, físicos, a questão do sentimento de insegurança, culpa e a perda de identidade. “Então, de repente, eu não tinha nada, não sobrou nem amigos.” (Nayara). É difícil recuperar as demais relações que

se perderam durante a vivência da relação abusiva. O abusador afasta a vítima de todas as pessoas que podem servir como uma rede de apoio e alertá-la sobre o perfil do parceiro. Não são todas as pessoas que têm a compreensão do que é estar em uma relação abusiva e ter empatia com a vítima. O que geralmente acontece é um reforço da culpabilização. “A violência nas relações afetivas entre namorados é um problema grave, envolve vários fatores e provoca diversos efeitos negativos.” (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011, p. 207).

Depois de todos os processos que se costuma vivenciar após o término da relação abusiva, Lorena relata que “[...] me fez enxergar de forma diferente, sabe?! Que a gente não precisa se anular. Que a vida é muito mais do que uma pessoa, que a vida... que o mundo não gira em torno de uma pessoa, sabe?! [...] me serviu para mostrar o que eu quero e o que eu não quero para mim.” E Nayara acrescenta: “Mudou completamente a minha visão de um namoro, de um relacionamento. A visão que a gente tem de si mesmo.”

Ao serem questionadas sobre a perspectiva de futuro no âmbito amoroso, observa-se que algumas têm uma visão mais otimista e outras apresentam certas dificuldades, como, por exemplo, Taís. Atualmente, ela está em outra relação e menciona que, “Quando acontece algumas coisinhas ali, eu vejo que ainda o passado me assombra, vamos dizer assim. Ainda tá aqui coladinho na minha nuca. Então eu acho que, assim, que minha perspectiva é boa, porém, eu sei que ainda tem muita coisa na minha cabeça que eu preciso trabalhar, sabe?!”

Os desdobramentos de ter tido uma relação abusiva costumam acompanhar a vítima por um tempo. É difícil se desvencilhar totalmente das vivências que se teve. Flávia faz uma colocação semelhante trazendo uma ideia de desesperança quando menciona: “Mas hoje eu não me vejo com outra pessoa, mas também não me vejo com ele. É como se eu ficasse para titia, sabe?! [...] hoje eu vejo como algo bem distante, sabe?!”. Essa dificuldade de se imaginar com alguém pode dizer sobre uma falta de perspectiva no que tange a relacionamentos amorosos.

Já Nayara afirma: “Então eu não desisti de investir num relacionamento porque esse foi péssimo, né?! Tanto que eu tive dois depois dele. Então eu não deixei, não fiquei pisando em ovos. Eu falei ‘não vou fazer isso comigo mesmo, não vou deixar isso estragar’.” Érika relata: “Então, eu tenho vontade, sabe?! De encontrar alguém que me faça realmente feliz e que me ame de verdade. [...] Que tá disposto a enfrentar os meus dias ruins, os meus dias bons, porque se não for assim eu não quero, sabe?!” Lorena traz uma fala semelhante:

No futuro, eu penso assim, se for para ser com essa pessoa ou com outra, porque eu não tô fazendo, assim, planos a longo prazo. Exatamente porque eu prefiro viver um

momento, assim... de forma mais leve, mas eu espero que seja uma relação saudável, que haja confiança, que haja respeito [...].

A partir das narrativas das entrevistadas, notam-se os diversos desdobramentos que uma relação abusiva pode ter, trazendo medo e insegurança em relacionar-se com outra pessoa, o distanciamento social devido ao qual nem sempre é possível recuperar alguns relacionamentos que se tinha anteriormente. Observaram-se também os sintomas psicológicos e físicos sentidos pelas vítimas durante a relação e após o término, assim como a dificuldade de se desvencilhar da culpa. O fator marcante refere-se à perda da identidade e à falta de reconhecimento de si mesma. “A violência nas relações afetivas entre namorados é um problema grave, envolve vários fatores e provoca diversos efeitos negativos.” (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011, p. 207).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às discussões teóricas e aos relatos das entrevistadas aqui apresentados, podemos afirmar que existem ferramentas muito eficazes para reforçar o machismo e as formas de desigualdade de gênero, o que propicia o fortalecimento da naturalização dos abusos nas relações amorosas. As consequências disso são amplas, causando até mesmo diversas mortes. Muitos abusos nos relacionamentos são tolerados tendo como justificativa a relação de poder entre os sexos.

O abuso assume, também, uma faceta romântica, como se ele fizesse parte das relações amorosas. Cria-se a ilusão de que haverá algum tipo de ganho para a vítima após as violências sofridas, ou seja, que tal sofrimento produza alguma recompensa positiva posteriormente. Dessa forma, nota-se uma correlação com a ideia de que o amor tudo suporta, noção sustentada, principalmente, pelas ideias românticas e religiosas.

É muito comum a crença de que o abusador vai mudar. Com frequência, as vítimas tendem a acreditar nas promessas do agressor. A permanência nas relações abusivas pode estar relacionada a diversos fatores; no entanto, um importante fator refere-se à dependência emocional estabelecida. Assim, ainda que vivenciando diversas violências, a vítima mantém a relação, especialmente pela naturalização social das agressões. Em alguns depoimentos das entrevistadas, fica evidente a dificuldade de perceber que estavam em uma relação abusiva, pois alguns comportamentos de abuso dos parceiros pareciam “normais”.

A pesquisa de campo realizada demonstrou como é difícil conseguir sair de uma relação abusiva. Mesmo tendo a compreensão de que a relação é danosa, sair da mesma também é

se expor a riscos, medos e receios. Como foi possível observar nos relatos das entrevistadas, há um receio de que as ameaças do ex-abusador contra a própria vida se concretizem e medo de sofrer alguma violência mais grave. Há também a dificuldade de conseguir se relacionar com uma outra pessoa novamente. Dificuldade muito ligada ao estabelecimento de uma relação de confiança.

No momento atual, o tema em questão vem sendo mais debatido, porém, por muito tempo foi considerado um tabu. Não podemos nos calar sobre um assunto tão sério que provoca tantos danos e tantas mortes de mulheres. Apesar disso, ainda nos deparamos com um pensamento bastante recorrente que culpabiliza as mulheres como responsáveis por suas tragédias e mortes: se tivessem tido um comportamento diferente, teriam evitado tal fim. Isto só faz com que a culpa que muitas delas sentem aumente cada vez mais. A violência não pode ser considerada normal, aceitável e muito menos tolerável. Assim, faz-se necessária mais produção acadêmica sobre relações de namoro abusivas, pois grande parte desses estudos se concentram nas relações conjugais.

A dimensão religiosa não foi amplamente contemplada nesta pesquisa. Apesar de tal ponto ter sido discutido no referencial teórico, não foi incluso na entrevista. No entanto, essa dimensão é extremamente importante para a compreensão da manutenção das relações amorosas abusivas. Não há como discutir sobre patriarcado sem trazer à tona as questões religiosas. Essa inclusão poderá propiciar um estudo muito rico sobre os atravessamentos desse fator nas relações abusivas. E até mesmo, sobre a banalização dos abusos a partir do pressuposto de que a mulher deve se submeter ao homem. Mesmo as mulheres não religiosas podem ser afetadas por estes fatores em suas relações amorosas devido à influência das religiões dominantes em cada cultura.

Além disso, outro aspecto importante a ser abordado é se a relação abusiva ocorreu a partir do primeiro relacionamento, o que poderia trazer elementos significativos para a compreensão do estabelecimento e permanência de mulheres em relações abusivas. A vivência em relacionamentos amorosos abusivos acarreta diversos danos para a vida das vítimas, passando da dimensão psicológica para a esfera física, como pôde ser observado mediante os relatos das entrevistadas.

Para além dos apontamentos já mencionados concernentes a futuras pesquisas, seria interessante explorar sobre o que leva um homem a ser um abusador afora o contexto patriarcal e as desigualdades nas relações de gênero. Dessa forma, vale a pena analisar através de uma perspectiva mais individual, realizando um estudo sobre a história de vida daquele abusador para, assim, compreender e atuar de modo mais direto em situações individuais, ou seja,

o espaço singular de cada um no relacionamento amoroso, pois, apesar de um casal, ainda são indivíduos que exercem diversos papéis nos mais variados contextos.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do Relacionamento Abusivo: desmistificando relações tóxicas. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Intercom**, Recife, p. 1-13, 2018. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0301-1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

ALMEIDA, Thiago de. A violência no namoro. **Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde Mental e violência: contribuições no campo da Psicologia Clínica Social**. São Paulo, p. 136-146, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999. Disponível em: <http://gephispnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/0_metodo_nas_ciencias_naturais_e_sociais_-_pesquisa_quantitativa_e_qualitativa.pdf>. Acesso em: 9 set. 2019.

BARRETO, Raquel Silva. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Gênero**, Niterói, v. 18, n. 2, p. 142-154, 1º sem. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31312/18401>>. Acesso em: 25 set. 2019.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contra-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. **Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999.

BUTION, Denise Catricala; WECHSLER, Amanda Muglia. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 77-101, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006>. Acesso em: 7 jan. 2020.

COUTO, Camille. Apesar das leis de proteção, violência contra a mulher continua em alta no país. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro, 7 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/03/08/apesar-das-leis-de-protecao-violencia-contra-mulheres-continua-em-alta-no-pais>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia; AMÂNCIO, Thiago. Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, Uol,

9 de setembro de 2019. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>>. Acesso em: 26 out. 2019.

DIAS, Mônica Silva; COTRIM, Livia Cristina Aguiar. Violência contra a mulher, ninguém mete a colher? Um estudo em área de manancial. **Cordis. Mulheres na história**, São Paulo, n. 12, p. 281-297, 2014. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/21944/16124>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

ELIAS, Miriam Freitas; GAUER, Gabriel José Chittó. Violência de gênero e o impacto na família: educando para uma mudança na cultura patriarcal. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 117-128, 2014. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/16637>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

FALCHETTO, Giovanna; OLIVETTO, Tatiana. **Amores abusivos**: sob o olhar delas. Bauru: Gráfica Avalon Digital, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156570/000899691_livro.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMES, Romeu. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie (Orgs.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 141-151. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4c6bv>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: IPEA, 2019. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784>. Acesso em: 19 out. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. É possível construir relações amorosas sem violência? In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie (Orgs.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 87-139. E-book. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4c6bv>>. Acesso em: 1º mar. 2020.

MIZUNO, Camila; FRAID, Jaqueline Aparecida; CASSAB, Latif Antônia. Violência contra a mulher: por que elas simplesmente não vão embora? **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, p. 16-23, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/3.CamilaMizuno.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MOREIRA, Virginia; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; VENÂNCIO, Nadja. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. **Psicologia & Sociada-**

de, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 398-406, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MOURA, Laiana Carla; HENRIQUES, Halline Iale Barros. Aspectos sócio-históricos-culturais envolvidos no fenômeno de culpabilização de mulheres vítimas de violência. **Vere-das, Revista Eletrônica de Ciências**, Caruru, ano 10, v. 7, n. 2, p. 24-42, 2014. Disponível em: <<http://veredas.favip.edu.br/ojs/index.php/veredas1/article/view/248/296>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

NASCIMENTO, Elaide dos Santos; SOUZA, Kellen Verena Silva. Relações abusivas: um olhar cognitivo-comportamental. **UNIME**, Itabuna, p. 1-21, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.pgskroton.com/handle/123456789/21296>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

OLIVEIRA, Aline Martins; BERGAMINI, Gésica Borges. Esquemas desadaptativos de mu-lheres em relacionamentos abusivos: uma discussão teórica. **Revista Científica da Faculda-de de Educação e Meio Ambiente - FAEMA**, Ariquemes, v. 9, n. 2, p. 796-802, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/637/657>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Violências nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 87-139. E-book. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4c6bv>>. Acesso em: 1º mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher. **OMS**, p. 1-94, 2012. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350?jsessionid=10FC9E8F58A51BC0D9DF0248202F0589?sequence=3>>. Acesso em: 7 maio 2020.

OROZCO, Yuri Puello (Org.). **Religiões em diálogo: violência contra as mulheres**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/310/CDD-BR_religioes_dialogo_violencia_contra_mulheres.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 fev. 2020.

PAIVA, Carla; FIGUEIREDO, Bárbara. Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, v. 4, n. 2, p. 165-184, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v4n2/v4n2a01.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2019.

PAULA, Liliam Pacheco Pinto de. Patriarcado. In: _____. **Os vínculos conjugais em um contexto cristão protestante batista na contemporaneidade**. 2018. 247 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 41-51, 2018. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_PaulaLP_1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SARDINHA, Selma Sant'Anna da Fonseca. Violência de gênero nos relacionamentos abusivos. **Revista Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas**, UNIG, Nova Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://unig.br/wp-content/uploads/volume3-numero1-revista-de-ciencias-juridicas-e-sociais-aplicadas.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020.

SILVA, Maria Amarilda Ribeiro Borges da; SANCHES, Mário Antônio. NÃO DESISTA DE SER FELIZ: Um ensaio sobre a permanência de mulheres em relacionamentos com homens violentos. **Caderno Teológico da PUCPR**, Curitiba, v.2, n.1, p. 113-134, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17257673-Nao-desista-de-ser-feliz-um-ensaio-sobre-a-permanencia-de-mulheres-em-relacionamentos-comhomens-violentos.html>. Acesso em: 13 mar. 2020.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico-metodológica. Dourados: Ed. UFGD, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1046/1/as-mulheres-e-a-historia-uma-introducao-teorico-metodologica-losandro-antonio-teseschi.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.